

A PANDEMIA DO COVID-19 E O ENSINO REMOTO NO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO: IMPLICAÇÕES NA REALIDADE DA JUVENTUDE

RAYLA BEATRIZ DE ABREU CARDOSO

Mestranda do Curso de Sociologia da Universidade Federal do Piauí - PPGS/UFPI, raylab.cardoso@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo abordar vivências da juventude no ensino remoto a partir do distanciamento físico causado pela pandemia do Coronavírus. Nesse contexto, visamos apresentar alguns encadeamentos para jovens estudantes do terceiro ano do ensino médio de escola pública estadual do Piauí. A metodologia se baseia em pesquisa bibliográfica, dados de pesquisa quantitativa, assim como depoimentos de estudantes de uma escola da rede pública estadual colhidos através de entrevista estruturada e de professores de uma escola da rede municipal de Teresina, Piauí. O ensino remoto se fez necessário considerando a atual conjuntura, porém devemos destacar que além de não alcançar todos os estudantes, a modalidade de ensino não supriu de forma efetiva as necessidades dos estudantes contemplados, trazendo consequências negativas, principalmente para jovens estudantes da rede pública, assim como um retorno híbrido realizado de maneira desorganizada e sem estrutura, tanto para atender a modalidade de ensino, quanto para salvaguardar a saúde da comunidade escolar, tendo em vista que a pandemia ainda não acabou.

Palavras-chave: Educação, Ensino Remoto, Juventude, Covid-19.

INTRODUÇÃO

No início do ano de 2020 um novo vírus se alastrou pelo mundo pegando todos de surpresa, o novo coronavírus, quando infecta um indivíduo, pode causar infecção respiratória que pode ir de um acometimento mais leve ao mais grave, podendo ser fatal em alguns casos.

Com o surgimento dos primeiros casos e detectada sua alta transmissibilidade foram adotadas medidas preventivas com o objetivo de barrar o contágio e controlar a doença. Uma das primeiras ações aplicadas aqui no Brasil, em meados de março, foi a do chamado isolamento social, foram baixados decretos e portarias fechando comércios e estabelecimentos não essenciais e incentivando a população a ficar em casa e manter o distanciamento social, o que foi, posteriormente, renomeado para distanciamento físico, pois com uso de diversas tecnologias, as pessoas seguem mantendo contato com seus grupos sociais. Outras medidas importantes, incluem o uso de máscara, distanciamento mínimo de um metro e meio entre pessoas e uso de álcool em gel com intuito de manter a higiene das mãos.

O que a priori, deveria durar alguns dias, virou semanas e meses, e, mais de um ano depois dos primeiros casos, ainda estamos enfrentando a pandemia do COVID-19, além da perda de mais de quinhentas mil pessoas para o vírus, somente no Brasil.

Com o passar do tempo, tivemos que nos adaptar e fazer mudanças necessárias para dar continuidade as atividades diárias respeitando o distanciamento físico e as medidas de precaução recomendadas pela OMS (Organização Mundial da Saúde).

Muitos setores foram afetados, empresas precisaram fechar suas portas, pessoas perderam emprego e presenciamos diversas transformações ocorrerem na sociedade com pouco ou nenhum tempo de adaptação. A área da saúde, obviamente, foi um dos mais afetados, hospitais de campanha tiveram que ser fabricados do dia para a noite para acomodar e dar suporte às pessoas infectadas, assim como profissionais da saúde que tiveram que fazer cada vez mais plantões intermitentes e exaustivos para conseguir prestar atendimento aos que precisavam, entre tantos outros ajustes e movimentações para salvar o maior número de vidas possível.

Porém, uma outra área que também teve de enfrentar muitos percalços foi a da educação. Numa pandemia que requer distanciamento físico, como dar continuidade a atividades educacionais em salas de aula com, em alguns

casos, mais de 30 alunos? Considerando esse contexto, foi implementado um paliativo, as aulas remotas, cujo objetivo é assegurar a manutenção das aulas e a continuidade da vida escolar, especialmente de crianças e jovens.

Dito isso, o presente estudo, tem como objetivo averiguar as repercussões do ensino remoto para os jovens, sobretudo, estudantes do 3º ano do ensino médio do estado do Piauí. Para isso, iremos explorar decretos e portarias que regulamentam o ensino remoto durante a pandemia do COVID-19, assim como examinar dados de pesquisas sobre a relação da juventude com a educação no período de aulas online e analisar depoimentos de jovens estudantes egressos do 3º ano do ensino médio, dialogando com autores como: PRETI (2009); PHEULA (2016); NÓVOA (2009); assim como leis e decretos brasileiros.

Esta pesquisa se faz importante ao tempo em que trata de um assunto que afeta e afetará toda a sociedade, não só em relação a crise sanitária, como também na crise educacional que traz grandes prejuízos aos estudantes, assim como ainda irá repercutir ao longo da jornada escolar. Este trabalho tem também a intenção de colaborar com futuras pesquisas sobre o tema para que possamos dispor de cada vez mais informações que contribua com o campo acadêmico, tendo em vista que serão necessárias muitas pesquisas acerca da situação que ainda está em andamento e, portanto, ainda irá gerar dados a serem analisados. A metodologia utilizada foi o levantamento bibliográfico, buscando autores que corroboram acerca do tema, assim como leis e decretos que regulamentam e embasam o objeto estudado, bem como entrevista estruturada, contendo questões a respeito do ensino remoto sob o ponto de vista dos jovens estudantes e como consideram que foram afetados pela pandemia e o modelo de ensino vigente e depoimentos de professores acerca do retorno híbrido nas escolas públicas colhidos através, também, de entrevista estruturada.

O presente estudo está organizado em tópicos intitulados: “A regulamentação do ensino remoto na pandemia do COVID-19”, a qual trará um breve histórico sobre a implementação do ensino remoto no Brasil, fazendo também a distinção entre este modelo e a educação à distância, para que possamos compreender a prática do ensino remoto durante a pandemia; em seguida, versaremos sobre “O ensino remoto e os impactos para a juventude” que irá explorar dados de pesquisa sobre a juventude em 2021, focando na educação remota, como subtópico a este, temos “Aulas online na perspectiva dos jovens estudantes”, onde falaremos sobre relatos de estudantes do 3º ano do ensino médio do estado do Piauí, analisando-os com a ajuda de

teóricos que versam sobre o tema, após, falaremos sobre o retorno das aulas presenciais no tópico “Retorno híbrido e gradual”.

METODOLOGIA

Neste trabalho foi realizado um levantamento bibliográfico, que norteou da fundamentação teórica ao estudo, trazendo abordagens de alguns autores experientes no tema que enriqueceram esta pesquisa nos dando uma visão de diversos ângulos, oferecendo novas noções para que possamos chegar a uma conclusão de maneira estruturada e consciente.

Para Gil (2008, p.50), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Além do mais, a pesquisa bibliográfica proporciona a análise de um tema através de uma nova perspectiva podendo trazer novas abordagens a um determinado assunto.

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sobre novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. (MARCONI; LAKATOS, 1991, p.183).

O método utilizado foi o indutivo, visto que, foram observadas e analisadas as relações estabelecidas entre um pequeno grupo.

[...] parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares. De acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade (GIL, 2008, p. 10).

Os instrumentos desta pesquisa foram aplicados em uma escola estadual do Piauí, localizada na cidade de Teresina, escolhida com base no acolhimento e aceitação dos sujeitos para participar da pesquisa.

Aplicamos instrumentos para obtenção dos dados, tendo como sujeitos de estudo, sete estudantes do ensino médio de uma escola pública estadual do Piauí, entre 18 e 19 anos e 3 professores pertencentes a uma escola pública municipal de Teresina - PI. Para tanto, utilizamos o método monográfico que, de acordo com Gil (2008), parte do princípio de que o estudo de

um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes.

Para estabelecermos esta relação foi empregado a entrevista estruturada, pois para Gil:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2008, p. 109).

Também foram investigados leis e decretos que versam sobre o assunto, assim como pesquisa quantitativa acerca da juventude na pandemia.

A regulamentação do ensino remoto na pandemia do Covid-19

No início da pandemia, havia pouca informação sobre sua duração, quanto tempo levaria para a doença ser controlada e vacinas serem descobertas, fabricadas e testadas, em meio a tantas incertezas, no estado do Piauí foi decretado a suspensão das aulas presenciais por 15 dias em meados de março de 2020 (Piauí, 2020). A partir da primeira suspensão e com o avanço do vírus o governo passou a renovar os decretos e novas formas de dar continuidade as aulas foram sendo planejadas e executadas, como aulas através de plataformas de reunião online, programas digitais e veiculação de aulas pela rede de televisão.

A partir disso, o MEC (Ministério da Educação), publicou um parecer técnico no qual autorizava atividades remotas valendo como carga horária, entre diversas orientações sobre o ensino remoto, tendo como objetivo a reorganização das atividades educacionais por conta da pandemia para minimizar os impactos das medidas de isolamento social na aprendizagem dos estudantes, considerando a longa suspensão das atividades educacionais de forma presencial nos ambientes escolares (BRASIL, 2020).

Desde então, escolas públicas e particulares, faculdades e universidades vêm se adaptando ao novo modelo de ensino, fazendo o possível, dentro da sua realidade, para que estudantes possam dar continuidade a suas vidas escolares, com algum suporte, considerando a situação atual.

É importante fazermos aqui uma breve distinção do ensino remoto implementado às pressas frente a crise sanitária e a já conhecida e praticada EAD (Educação À Distância). São modalidades com teoria e execução diferentes em que a EAD consiste em dar maior autonomia aos alunos, podendo elaborar seus horários, agendar suas atividades e avaliações, assim como utilizar a tecnologia para ter suporte de professores e tutores e materiais disponíveis em plataformas para auxiliar os estudos. A EAD pode ser caracterizada como:

- como processo de aprendizagem centrado na relação sujeito que aprende e sujeito que ensina, isto é;
- o sujeito aprendente, com capacidade de “autonomia relativa” (intelectual e moral) e de gerir sua formação;
- em interação com professores, orientadores/tutores, colegas;
- processo mediatizado por um conjunto de recursos didáticos e tecnológicos acessíveis ao estudante;
- apoiado por uma “instituição ensinante” que lhe oferece todo tipo de suporte (do cognitivo ao afetivo), para que se realize a mediação pedagógica, a interação e a intersubjetividade;
- processo este que se realiza presencialmente e/ou “a distância” (PRETI, 2009, p. 44).

A atualização da legislação que regulamenta a EAD no Brasil a define como:

considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017).

Enquanto a EAD é um modelo de educação utilizado a algum tempo e que utiliza ferramentas tecnológicas para proporcionar recursos humanos e didáticos para que o aluno possa ter certa autonomia e controle sobre sua aprendizagem, o ensino remoto, apenas utiliza plataformas digitais para promover o encontro entre alunos e professores sem que haja, principalmente nas escolas públicas, estrutura adequada para tal, como capacitação

de professores para o manuseio das novas ferramentas utilizadas na prática de ensino, ferramentas para elaboração de aulas online, câmeras, notebooks ou smartphones ou até mesmo a disponibilização de internet. Nenhum desses recursos foi ofertado, nem para professores, muito menos para alunos, deixando-os sem ferramentas para que dessem conta de dar continuidade as atividades escolares para que não houvesse “prejuízos” à aprendizagem dos estudantes.

O ensino remoto e os impactos para juventude

Talvez o senso comum nos leve a pensar que os jovens da atualidade, aqueles que estão entre a geração “Y” e “Z”, estariam mais propensos a lidar de maneira melhor com o ensino remoto e a comunicação através de aparelhos eletrônicos para a manutenção do distanciamento físico, já que se considera que essas gerações nasceram na era digital.

A maior geração em números, a Geração Y, é formada por aqueles que nasceram entre 1978 até 1994. Com o mundo em estabilidade, foi a geração que cresceu vivendo intensamente a infância. Com acesso a computadores e internet, tiveram uma educação mais rica em relação às gerações anteriores (PHEULA; SOUSA, 2016, p. 58).

Já os nascidos a partir de 1995, fazem compõem a geração Z, que segundo os autores, Pheula e Sousa (2016), são bem integrados com a tecnologia, pois já vieram ao mundo sendo estimulados por computadores, celulares e acesso a um enorme volume de informações através da internet, tendo como desafio conseguir filtrar aquilo que lhes é realmente útil.

Todavia, em relação ao ensino remoto, dados do Relatório Nacional sobre as juventudes e a pandemia do Coronavírus (2021), nos mostram uma realidade diferente.

Jovens demonstram uma evidente preferência ao modelo remoto ou híbrido neste momento da pandemia. Quanto mais velhos, mais adeptos são do totalmente remoto; quanto mais novos mais apostam no modelo meio a meio.

Já quando pensam no retorno após o fim da pandemia, **preferem o modelo totalmente presencial ou com algum nível de atividade remota**. Quanto mais novos, mais esperam o modelo totalmente presencial (CONJUVE, 2021, p. 72, grifo do autor).

De acordo com os dados da pesquisa, quanto mais novos, mais aguardam que as aulas voltem de maneira totalmente presencial, podemos apontar diversos fatores para isso, como a apreensão da escola não somente como espaço de ensino e aprendizagens sistêmicas, mas também como espaço de interações sociais, assim como ambiente fornecedor de materiais para leituras, estudos e apoio socioemocionais.

A escola no centro da colectividade remete para uma instituição fortemente empenhada em causas sociais, assumindo um papel de ‘reparadora’ da sociedade; remete para uma escola de acolhimento dos alunos e, até, de apoio comunitário às famílias e aos grupos mais desfavorecidos; remete para uma escola transbordante, uma escola utópica que procura compensar as ‘deficiências da sociedade’, chamando a si todas as missões possíveis e imagináveis. (NÓVOA, 2009, p. 60, grifos do autor).

O Relatório também aponta que dificuldade para organização dos estudos na modalidade remota é um dos principais fatores para evasão escolar, ficando atrás apenas das questões financeiras, porém é importante grifar que:

Quanto mais velhos, maior o abandono por causa de questões envolvidas ao financeiro e trabalho. Entre mais novos, mais comuns são questões ligadas a obstáculos ou baixo engajamento com ensino remoto e conteúdos trabalhados (CONJUVE, 2021, p. 59).

Podemos notar que apesar dos jovens serem familiarizados com o ambiente virtual e estarem em constante contato com a tecnologia, o ensino remoto não demonstrou eficácia entre os estudantes e podemos apontar diversos motivos para tal ineficiência, como a falta de aparelhos tecnológicos adequados e de qualidade, e quando possuem, precisam compartilhar com outras pessoas de dentro de casa, limitando o uso para estudo ou trabalho (CONJUVE, 2021), a ausência de um ambiente apropriado para o estudo e o acompanhamentos das aulas online, também aparece como problema para o ensino remoto, assim como a dificuldade de concentração dentro de casa, por causa de barulhos excessivos e contínuas interrupções.

- 4 a cada 10 fizeram adaptações de espaço em casa e acordos (ou conflitos) de convivência para estudar.
- 6 a cada 10 sentem que não estão conseguindo realizar boa parte das atividades propostas pela escola ou

- faculdade; e 7 a cada 10 não consideram que estão conseguindo trabalhar melhor em grupo.
- 5 a cada 10 concordam mais ou menos que o uso das tecnologias digitais está melhor desde o início da pandemia; e o 6 a cada 10 sentem que ainda precisam aprender a se organizar melhor no WhatsApp (CONJUVE, 2021, p. 66).

Sem contar os desdobramentos dos jovens que precisam conciliar trabalho e estudo para se manter ou para ajudar na renda familiar, sendo um cenário que já era bastante problemático nas aulas presenciais, se torna ainda mais alarmante em tempos de pandemia e medidas emergenciais como aponta Stevanim (2020) sobre a crise atual e suas implicações: “A realidade, porém, aponta para um cenário de discriminações e de aprofundamento das desigualdades sociais, educacionais e regionais, como resultado das políticas emergenciais adotadas na educação.”

Outro dado preocupante é a participação dos jovens no ENEM 2020 (Exame Nacional do Ensino Médio), atualmente o maior portal de acesso ao ensino superior no país, que apresentou um enorme número de ausentes e desistentes.

- 8 a cada 10 jovens não fizeram o ENEM 2020; e dos 17% que o realizaram, 8% quase desistiram. Assim, comparando com o interesse em realizar a prova, mensurado em 2020, houve um número menor de inscritos.
- Jovens entre 18 a 24 anos foram os que mais se inscreveram e realizaram a prova, mas são também os que mais desistiram (CONJUVE, 2021, p. 74).

Entre as preocupações dos jovens que pretendem fazer o ENEM em 2021 está a ansiedade em relação ao seu desempenho, por não estarem conseguindo estudar e conseqüentemente se sentirem prejudicados com a preparação para o ENEM.

Logo mais, no tópico seguinte, discutiremos o que dizem os jovens do município de Teresina-PI, sobre suas experiências com as aulas remotas no 3º ano do ensino médio, aquele que antecede os exames de acesso ao ensino superior, numa escola pública estadual.

Aulas online na perspectiva dos jovens estudantes de uma escola pública em Teresina-PI

Os jovens estudados possuem entre 18 e 19 anos entre o sexo masculino e feminino, numa amostragem de sete indivíduos que cursaram o terceiro ano do ensino médio em 2020, ano em que a pandemia teve início.

A primeira pergunta foi em relação as perspectivas desses estudantes para o início do ano letivo, o qual seria para eles o último da educação básica, ao passo em que as respostas foram em sua maioria, a pretensão de se prepararem para o ENEM, como o ponto mais importante, assim como poderem guardar bons momentos da convivência com seus colegas de classe e da finalização do ensino médio. Como aponta Barbosa (2011, p. 61), em sua pesquisa: “a escola é um local de preparação para o futuro e espaço de convívio e aprendizagem, ou seja, a escola é um local importante e aparentemente necessário para a elaboração de um projeto de vida [...]”.

Quando perguntamos sobre a avaliação que fazem do último ano do ensino médio de forma remota, foram taxativos em afirmar que foi um péssimo ano letivo, tanto pela situação de crise sanitária, sem poder sair de casa para encontrar-se com amigos, e preocupação com a própria saúde e de seus familiares, como também pelos prejuízos na educação, como dificuldade de acesso a material de estudo e distanciamento nas relações com professores, perdendo certas orientações educacionais proporcionadas pela proximidade com os docentes. Além do mais, apontaram grandes perdas no que diz respeito a preparação para o ENEM, como consequência de uma transição rápida e sem adaptação adequada do modelo presencial para o remoto, com conteúdos atropelados para que o ano letivo fosse finalizado, porém sem eficiência na aprendizagem dos alunos.

Em um momento em que se exige a manutenção dos estudos em casa, estudantes brasileiros convivem com problemas de saneamento e acesso a água e alimentos, ausência de um ambiente de qualidade para estudos e falta de apoio dos pais e responsáveis, que por vezes também não tiveram garantido o direito à educação ou precisam trabalhar em cargas horárias exaustivas (STEVANIM, 2020, p. 14).

Esta é uma questão que elucida a falta do Estado em vários pontos e as consequências advindas. Estamos falando do ensino remoto em uma escola pública estadual, em que professores e alunos, inseridos em um contexto de crise sanitária, tiveram que retornar às atividades escolares sem receber

formação técnica para o modelo de aula aplicado, ou mesmo suporte tecnológico, como aparelhos eletrônicos ou internet de qualidade. Dentro da mesma realidade, podemos encontrar alunos sem acesso a água e saneamento básico, em momento em que lavar as mãos e higienizar objetos a todo instante se faz extremamente indispensável, sem falar na falta de alimento que já é um grande problema no nosso país, mais grave ainda na região nordeste, mesmo antes da pandemia.

Para além dos problemas de subsistência, temos ainda o problema da educação que perpassa gerações afetando a vida de milhões de brasileiros, isso resulta na falta de apoio para os jovens por parte de pais e responsáveis, por não terem tido uma educação completa, muitos não se interessam ou não sabem como ajudar nos estudos dos jovens que precisam enfrentar sozinhos essa etapa tão importante da vida.

Quando solicitados que fizessem uma lista de prós e contras do ensino remoto, algumas vantagens apontadas foram a possibilidade de flexibilização dos horários de estudo, e isenção de locomoção, pois uma estudante declarou que mora longe da escola, tendo que fazer trajetos perigosos para aulas presenciais, e apontou como fator positivo não precisar fazer esse percurso todos os dias. Como pontos negativos, apresentaram a dificuldade em organizar os horários de estudos conciliando com tarefas domésticas, maior desgaste físico e mental, pouca produtividade e distrações constantes em casa.

Aprender se tornou mais um desafio em meio à luta contra o coronavírus. As rápidas mudanças, alto nível de cobranças, frustrações diárias e dificuldades técnicas durante o ensino remoto comprometem o psicológico dos estudantes. É possível presenciar que entre os termos mais utilizados pelas pessoas com as quais conversamos para descrever a situação aparecem ansiedade, cansaço, estresse, preocupação, insegurança, medo, cobrança e angústia (SILVEIRA; RECCO PICCIRILLI; OLIVEIRA, 2021, p. 125).

Se dedicar aos estudos já não é uma tarefa fácil mesmo em um ambiente próprio para tal finalidade, se levarmos essa tarefa para um ambiente inadequado, com barulhos, interrupções constantes e tendo que conciliar com outros afazeres com certeza teremos maiores desgastes físico e mental, acrescentamos a isso as dificuldades e mudanças típicas da adolescência e uma pandemia matando milhares de pessoas, as consequências disto é significativamente negativa para estes jovens.

Um outro fator relevante nas aulas presenciais é a socialização e proximidade com os pares. O ensino médio traz relações afetivas que muitas vezes são duradouras e proporcionam apoio emocional para os estudantes, ponto altamente prejudicado em um ensino à distância, respondendo a esse questionamento um aluno relatou que as relações nesse ano de distanciamento físico se tornaram superficiais com pouco significado, tornando a convivência com os colegas de classe sem relevância, relações essas crucias, como aponta o trecho a seguir:

As relações sociais se mostraram muito relevantes para os adolescentes e ocupam papel central nesse processo. É importante lembrar a relevância que o grupo de pares ganha nessa fase do desenvolvimento. O grupo passa a ter grande importância em diferentes dimensões da vida do adolescente e começa a assumir significado diferenciado do que prezava na infância (AGUIAR; CONCEIÇÃO, 2009, p. 109).

Foram apontados diversos aspectos, negativos, na grande maioria, acerca do ensino remoto, tanto pelo viés da socialização, quanto das dificuldades de aprendizagem e questões emocionais, como maior irritabilidade, angústia, ansiedade, entre outros fatores já existentes mesmo no ensino presencial, como a pressão para o ingresso no ensino superior em meio a tantos sentimentos que enfrentamos na juventude.

Retorno híbrido e gradual

Logo após o início da pandemia e a consequente suspensão das aulas presenciais, houve muita pressão por parte de mães, pais e responsáveis por alunos para que fossem autorizadas o retorno das aulas de forma presencial, seguindo protocolos de distanciamento e higiene como uso de máscara e álcool em gel para limpeza das mãos e objetos em uso. Essa reivindicação se dá por motivos diversos, desde a necessidade em deixar a criança em algum lugar para poder ir trabalhar até questões como ansiedade social, depressão, distúrbios e autoagressão como apontam alguns pais. As escolas particulares também reivindicaram fortemente pelo retorno presencial, pois, as aulas remotas estavam prejudicando a lucratividade do setor privado da educação.

No início de 2021, as aulas presenciais retornaram nas instituições privadas de ensino, seguindo medidas específicas elaboradas por cada escola observando orientações do protocolo específico para educação elaborado pelo governo do estado do Piauí. Algumas das medidas consiste em manter

o distanciamento físico colocando as mesas e cadeiras distantes umas das outras dentro das salas de aula, manter as janelas abertas e ventiladores ligados para maior circulação de ar, assim como limpezas e lavagens específicas no ambiente escolar e a manutenção do sistema híbrido de ensino que objetiva manter metade dos alunos da turma de forma presencial e a outra metade acompanhando a aula em casa de forma online (SESAPI, 2020).

Ensino híbrido é qualquer programa educacional formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle dos estudantes sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou ritmo. (HORN, Michel B., STAKER, Hearther. 2015. p. 34)

Nas escolas particulares, o ensino híbrido funciona com metade da turma assistindo aulas de forma presencial e a outra metade assistindo a mesma aula gravada de forma online, para que isso funcione dessa forma é necessário que tanto a escola tenha equipamentos adequados para fazer a transmissão da aula, quanto os alunos tenham aparatos tecnológicos e internet de qualidade para que possam acompanhar as aulas de casa.

A realidade da escola pública é outra, no segundo semestre de 2021 retornaram as escolas públicas estaduais de ensino médio e logo em seguida as escolas públicas municipais de primeiro ciclo. Seguindo as mesmas orientações, mantendo distanciamento, com implementação de pias em pontos estratégicos e sanitização da escola uma vez por semana, além da limpeza diária. O retorno aconteceu de forma gradual, uma série por semana, também no sistema híbrido de ensino, alunos fazendo rodízio para assistir as aulas, porém, sem acesso as ferramentas necessárias para o acompanhamento das aulas online.

Apesar da existência de documentos com protocolos definidos para um retorno seguro, os professores entrevistados relataram uma realidade diferente. Quando questionados sobre a estrutura física da escola, os protocolos de segurança e as modificações necessárias para o retorno presencial, os professores entrevistados informaram que pouco ou nada foi feito a respeito, pois, a limpeza dos condicionadores de ar não foi realizada, não foram colocadas proteção de acrílico nas mesas dos alunos e dos professores, não foram realizadas testagens dos professores, alunos e funcionários da escola para detecção de contaminação da COVID-19, muito menos as testagens periódicas que deveriam ser feitas para controle e contenção do vírus.

Como podemos perceber, as escolas públicas não se prepararam para as aulas online, falhando no suporte para alunos e professores, no que diz respeito a formação técnica, equipamentos de tecnologia, internet de qualidade e até mesmo na organização de orientações para a prática do ensino remoto, além do mais, está falhando ao retomar as aulas presenciais, sem as práticas de segurança à saúde adequadas, faltando equipamentos e apoio aos profissionais da educação, assim como a toda a comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o surgimento da pandemia causada pelo novo Coronavírus, diversos setores da sociedade precisaram, as pressas, se reorganizarem e adaptarem-se a uma nova maneira de se manterem ativos. Com isso, a educação, foi um dos campos mais afetados, tendo que se reestruturar para continuar oferecendo seus serviços à comunidade.

De maneira acelerada, a escola passou do ambiente presencial para o virtual, e o que deveria ser uma maneira efetiva de continuar dando suporte aos estudantes, serviu para escancarar o abismo que se faz presente entre as classes sociais no Brasil. O descaso com a educação brasileira, o pouco ou nenhum investimento na educação, na qualificação de seus profissionais e as barreiras tecnológicas para docentes e discentes foram evidenciadas e se tornaram o cerne do ensino remoto na educação pública, pois no ensino privado, a realidade em estrutura e equipamentos, é outra.

A modalidade remota de ensino, foi implementada sem suporte algum, tanto para professores, que precisaram criar maneiras para que material e conteúdo chegassem até seus alunos, sem receberem capacitação, ou recursos direcionados para uma aula online, quanto para alunos, que tiveram que adequar o ambiente para que pudessem acompanhar as aulas, tendo que equilibrar aulas, preocupações com o futuro, aspirações profissionais, responsabilidades com afazeres domésticos e com a renda familiar, além de disponibilizar aparelhos eletrônicos e internet de qualidade para conseguir manter a vida escolar, muitas vezes sem sucesso, pois, tudo isso custa dinheiro, o que nem sempre está disponível na realidade de muitos adolescentes.

Com isso, estudantes avaliam o ensino remoto como um modelo ineficiente, que trouxe prejuízos aos seus estudos, preparação para exames de ingresso ao ensino superior, e a saúde mental, que possivelmente acarretará

danos futuros, pois em momento de decisões importantes, não tiveram o auxílio necessário esperado para a finalização da educação básica.

Com o retorno das aulas presenciais em um momento em que ainda estamos vivenciando a pandemia e suas consequências, o Estado também falhou em ofertar segurança para os estudantes, professores e todos que compõem a comunidade escolar. Sem oferecer estrutura adequada, testagens em massa e com esquema vacinal incompleto, alunos e docentes temem pela própria saúde e de seus familiares.

A educação no Brasil é um problema grave que assombra os brasileiros desde sempre, estrutura precária, desvalorização dos profissionais da educação, pouco ou nenhum investimento são aspectos que assolam o sistema brasileiro de ensino público, isto, no modelo presencial de ensino, levando para o modelo remoto (online) ou híbrido, que necessitaria de muito mais investimento em tecnologias, evidente que teríamos uma acentuação gravíssima da precariedade no ensino e um aumento nas desigualdades produzidas pelo modelo de educação vigente.

Serão necessárias a contínua pesquisa e coleta de dados sobre este tema, ao tempo em que a situação da pandemia ainda é presente no nosso dia a dia e o ensino híbrido, composto por aulas presenciais e online está vigente na atualidade, novas informações surgem cotidianamente, com o cenário em andamento, assim como o “pós pandemia”, o retorno do ensino presencial e o futuro dos jovens que por mais de um ano fizeram parte do modelo remoto de ensino trarão novos desdobramentos e considerações.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Fernando Henrique Rezende; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. Expectativas de futuro e escolha vocacional em estudantes na transição para o ensino médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 10, n. 2, 2009, pp.105-115. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203014923011>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

BARBOSA, Rafael Conde. **O significado atribuído à escola e ao ensino médio por jovens do 3º ano de uma escola pública de São Paulo**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRASIL. **Parecer CNE/CP No 5, de 28 de abril de 2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais

para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05 ago. 2021.

_____. **DECRETO nº 9.057, de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 26 mai. 2017. Disponível em: <http%3A%2F%2Fportal.mec.gov.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom_docman%26view%3Ddownload%26alias%3D65251-decreto9057-pdf%26category_slug%3Dmaio-2017-pdf%26Itemid%3D30192&clen=101658&chunk=true>. Acesso em: 5 ago. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. Relatório Nacional das Juventudes e a Pandemia do Coronavírus 2021. Brasília: **CONJUVE**, maio, 2021. Disponível em: <<https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HORN, Michel B.; STAKER, Hearther. **Blended**: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso. 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

PHEULA, Arieta de França; SOUZA, Eduardo Chaves de. Estudo sobre comportamento dos jovens das gerações Y e Z quando conectados à internet. **Scientia Tec**: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFRS – Campus Porto Alegre, Porto Alegre, v.3, n.1, p. 54-94, jan/jun 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ScientiaTec/article/view/1501>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

PIAUI. DECRETO Nº 18.884, DE 16 DE MARÇO DE 2020. **Diário Oficial do Estado do Piauí**, Piauí, 2020. Disponível em: <<https://www.pi.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/Decreto-18.884-de-16-03-2020.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

PRETI, Oreste. **Educação a distância**: fundamentos e políticas. Cuiabá: EdUFMT, 2009.

SESAPI. DECRETO Nº 19.219, de 21 de setembro de 2020. **PACTO PELA RETOMADA ORGANIZADA COVID-19 - PRO PIAUÍ**, [S. l.], 17 dez. 2020. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fwww.pi.gov.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2020%2F12%2FPROT-042.2020_17.12.2020.pdf&clen=332353&chunk=-true. Acesso em: 11 out. 2021

SILVEIRA, Ana Paula; RECCO PICCIRILLI, Giovanna Maria; OLIVEIRA, Maria Eduarda. OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19. **Revista Eletrônica da Educação**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 114-127, dec. 2020. ISSN 2595-0401. Disponível em: <http://portal.fundacaojau.edu.br:8078/journal/index.php/revista_educacao/article/view/224>. Acesso em: 07 ago. 2021. doi: <https://doi.org/10.29327/230485.3.1-8>.

STEVANIM, Luiz Felipe. Exclusão nada remota: Desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. **RADIS**, n. 215, 2020. Disponível em: <<https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/exclusao-nada-remota>>. Acesso em: 06 ago. 2021.